

# Combustão

Cefas Carvalho e Jeanne Araújo

Editora Penalux,  
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 - Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Andreia Braz

IMAGEM DE CAPA  
Arte da capa sobre pintura "A ninfa da lua", de Luís Ricardo Farello (1851-1896).  
Concepção: Dáblío Jotta.

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C331C

CARVALHO, CEFAS E ARAUJO, JEANNE. -  
COMBUSTÃO / CEFAS CARVALHO E JEANE ARAÚJO. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

140 P.: 21 CM.

ISBN 978-85-5833-445-7

1. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.??

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## 1ª carta

Sim, minha querida, mando esta foto recente, mais recente do que eu gostaria, não para que você perceba que estou velho, entrevado em uma cama, sem conseguir andar e dependente dos outros, coisa que sempre odiei. Não a envio para que tenha pena de mim, bem sabe que tenho desprezo pela piedade alheia e, eu mesmo, nunca fui de ter pena de ninguém, cada um que viva sua própria vida, pague pelos seus pecados e colha os dissabores de acordo com os frutos que tenha ou não plantado. Mando esta foto para te dizer que embora você veja no papel fotográfico este senhor semi-inválido deitado em uma cama com olhar inofensivo, quase atemorizado, internamente minha alma continua queimando, ardendo como cinco infernos juntos. Sim, poeta querida, esta coisa misteriosa que podemos chamar de meu espírito, não comunga com a inércia desta casca envelhecida que é meu corpo e continua singrando mares nunca dantes navegados, mantém jovens seus apetites e desejos, e quase todos eles passando necessariamente por aquele que mais tomou meu tempo e mais me resultou em prazeres e desgostos ao longo destas quase sete décadas de vida: o desejo sexual. Assunto este que você, poeta, na qual também é mestra, professora e aluna ao mesmo tempo, sábia do tema



em teoria e prática, prosa e verso... Lanço nesta carta, portanto, um desafio a você, que tanto me desafiou em idos tempos: que remeta, também por carta, um memorial de sua vida. Mas, poeta, lembre-se de que estamos falando de nós dois, portanto, em sua memorialística, esqueça a família, os almoços e jantares, ignore os filhos, todos já crescidos e casados (alguns separados, claro), deixe para lá as melancolias e deite fora os sentimentos puros e singelezas que agradariam a idosos de alma tranquila (o que não sou): quero seu memorial de cama, um relatório de sua vida amorosa (sim, querida, mero eufemismo para não falar vida sexual), que sei – por experiência própria, inclusive – vasto e intenso, de forma que dificilmente um relatório seu sobre esse assunto seria menos instigante – e com igual número de páginas, registre-se – que *As mil e uma noites* e *O Decamerão*. Isso exposto, aguardo sua carta, a ansiedade de um adolescente prestes a ter sua primeira relação sexual.

Beijos.



## 2ª carta

Tua carta me surpreendeu. Tantos anos sem nenhum contato. Nenhum. Desde aquele fatídico dia em que fostes preso por desordem em frente à minha casa. Estavas louco, criatura? Não sabias que meu marido, à época, tinha poder para te fazer sumir do mapa sem deixar vestígios? Tanto que te procurei... Tanto que sofri tua falta. O que te aconteceu depois daquela noite? Me conta. Essa tua invalidez foi por causa dele? Foi ele quem provocou isso? Eu tive tanto ódio daquele homem que se dizia meu dono, mas tanto ódio, por ter me tirado o que dava sentido à minha vida, por ter me tirado as nossas noites de amor debaixo da lua, no escuro do beco que dava na estação do trem, que me vinguei dele da forma que ele mais odiava. Sim, fui infiel a vida inteira. Deitei em todas as camas, em qualquer pardieiro. Com todos os que encontrei pelo caminho. Com os amigos dele. Na sala, no quarto, na biblioteca. E ainda foi pouco para o que ele merecia. Nunca te esqueci. Nunca! Nesses anos todos em que planejei e fiz minha vingança, também aprendi muito. Também envelheci. O conhecimento te traz a velhice. Entretanto, não me peças detalhes de tudo, meu amor. Só fui pura pra ti. Pra ti eu dei meu corpo e meu amor. Te dei minha vida. E pra nenhum



outro homem eu me dei como a você. Lembro a primeira vez em que fizemos amor. O medo de sermos flagrados me excitou e fui ao meu limite, gemendo baixinho e querendo gritar de tanto prazer. Sua língua percorreu meu corpo e parou entre as minhas pernas. Nervosamente, as abri e implorei pra que você me beijasse. Lembra? Tudo aconteceu no banheiro do escritório dele. Num cubículo. Em pé. E foi o sexo mais maravilhoso que eu tive. Com você ajoelhado aos meus pés. Lembro que gozei em sua boca, uma, duas, três vezes. Depois você me virou de costas pra você e eu senti sua virilidade roçando em minha bunda. Você me disse ao ouvido: implora por ela. E eu implorei. Pedi, chorei. Até que você me penetrou, de uma só vez. Aquele membro duro me rasgando por dentro, me preenchendo toda. Sufoquei um grito. Mordi meu lábio. Agarrei-me à parede. Enquanto você ia e vinha dentro de mim, continuava a me falar ao ouvido. Senti o orgasmo se aproximando e me entreguei completamente ao prazer. Quando tudo terminou, minha visão turvou. Mas eu não queria que acabasse. Eu não queria que acabasse nunca mais.

Olho sua foto com ansiedade. Você ainda tem os mesmos olhos inquietos, meu amor, os mesmos olhos inquietos...



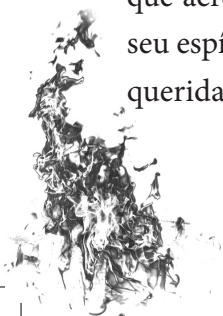
### 3ª carta

Confesso certa surpresa em receber essa carta-resposta tão rapidamente. Não que eu tivesse imaginado que você tivesse se tornado uma burguesa distante e fútil, incapaz de recordar o passado e de se arriscar em jogos como o da troca de cartas. Também não achei que você tivesse esquecido o furação em cujo olho vivemos durante um curto e intenso período, cheio de recaídas. Talvez eu tivesse simplesmente imaginado que seus afazeres (de esposa-mãe-avó talvez) não deixassem tempo nem energia para se dedicar ao doce esporte da nostalgia... Mas, como percebo, sua alma continua em combustão, como sempre, como quando nos conhecemos, naquele sarau poético onde, entediado com os versos bem comportados e edificantes das senhorinhas, eu degustava um uísque – felizmente de melhor qualidade que as poesias declamadas – rezando para que um raio destruísse aquele lugar. Até que ouvi uma voz feminina, doce e furiosa ao mesmo tempo, recitando uma poesia erótica de imensa beleza, fazendo corar as moçoilas supostamente virgens e os rapazes saídos de seminários, que seguravam os risinhos entre o malicioso e o envergonhado. Era você, enchendo de beleza aquele ambiente caquético e relatando em versos o que se passava naquele fio de navalha entre sua alma e



seu corpo. Percebi naquele instante que eu precisava travar contato com você. Intuitivamente, fui para a mesa das bebidas e, enquanto pegava minha sexta dose de uísque, você se aproximou da mesa e pediu ao barman uma taça de vinho tinto. Elogiei suas poesias e disse que me lembravam Hilda Hilst. Você sorriu como se fosse me devorar e perguntou meu nome. Nos dez minutos restantes, falamos sobre poesia, literatura, cinema, trocamos telefones e nos despedimos com um olhar de carne indicando que fazermos amor seria uma mera questão de tempo.

Ah, poeta... Quantas reminiscências. Mas, vamos às respostas às suas indagações. Não, o fato de estar entredado em uma cama não foi obra de seu marido, ele jamais tocou em um fio de cabelo meu, até porque se ele praticasse *vendetta* contra quem foi para a cama com você, teria de comprar a munição das forças armadas israelenses... Na verdade, estou assim há coisa de três anos - e ainda tenho chances de voltar a andar - porque fui andar de moto em Montevidéu, a pista estava chuvosa e caí de forma brutal. Sim, claro que um senhor de sessenta anos não deveria fazer isso, mas vivi minha vida fazendo coisas que não deveria fazer, como quando fiz amor pela primeira vez com você, no banheiro do escritório, sim, do seu marido. Era a sua tara. “Quero fazer amor lá”, disse você, embora meu apartamento estivesse mais próximo e eu fosse solteiro à época. Nunca questionei suas taras e vontades, tenho profundo respeito pelo desejo feminino, que acredito ser algo sagrado, e ainda mais aos seus, já que até seu espírito é carne, como é dito em *A História de O*. Mas, poeta querida, termino esta carta pedindo que relates suas epopeias de





cama, mestra que você é nas artes de alcova. Fale, por exemplo, do seu caso com aquele rapaz de dezoito anos, de quem você falava quando viajamos para Porto Seguro, ambos casados, você para um suposto encontro literário, eu para uma suposta matéria jornalística sobre o descobrimento do Brasil. Cama, querida, quero seus relatos de cama! Sua carta me excitou de tal forma que quase não dormi e virei o assunto malicioso das enfermeiras pela manhã... Mas, nada disso importa. O que me importa é contar as horas para receber sua carta. Ah, e também fostes o meu amor.





[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

 [cefascarvalho@gmail.com](mailto:cefascarvalho@gmail.com)

 [/editorapenalux](https://www.facebook.com/editorapenalux)